

ISSN: 1641-4713; e-ISSN: 2081-1160

DOI: <https://doi.org/10.36551/2081-1160.2023.31.69-96>

Festa do Divino Espírito Santo na região de Florianópolis, SC: Reflexões sobre as práticas religiosas populares de origem açoriana

*Festa do Divino Espírito Santo in the Region of Florianópolis, SC:
Reflections on the Popular Religious Practices of the Azorean Origins*

Renata Siuda-Ambroziak

Universidade de Varsóvia, Polónia

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), Brasil

ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0002-6594-0058>

E-mail: r.siuda@uw.edu.pl

Recepción: 11.04.2023

Aprobación: 22.06.2023



Resumo: No artigo apresentam-se reflexões, baseadas nos resultados da pesquisa do campo na região de Florianópolis, SC, sobre a Festa do Divino Espírito Santo vista como um dos componentes mais importantes da herança cultural açoriana no Brasil e, especialmente, no Estado de Santa Catarina. Comentando sobre as suas características, especificidades e transfigurações inevitáveis com o correr do tempo, conclui-se que, embora apresentem hoje várias modificações locais, as Festas do Divino Espírito Santo continuam preservando o seu cerne cultural açoriano, a sua emblemática e a sua função agregadora nas comunidades que as promovem e organizam na região de Florianópolis, intensificando (historicamente numa certa tensão com a Igreja institucional, atualmente - numa simbiose na reinvenção da Festa para a Igreja se contrapor às crescentes influências evangélicas pentecostais) a experiência do Divino Espírito Santo no catolicismo popular brasileiro.

Palavras-chave: herança cultural, açorianos, Brasil, Festa do Divino, Florianópolis

Abstract: In the article, there are presented some reflections, based on the results of a field research in the region of Florianópolis, SC, on the Festa do Divino Espírito Santo regarded as one of the most important ingredients of the Azorean cultural heritage in Brazil and, especially, in the State of Santa Catarina. Commenting on its characteristics, specificities and inevitable transfigurations over

time, it is concluded that, although there are several local modifications, the Festas do Divino Espírito Santo continue preserving their cultural Azorean core, their main emblems and their important social aggregation and cohesion functions in the communities that promote and organize them in the region of Florianópolis, intensifying (historically with certain tensions with the institutional Church, nowadays - in symbiosis of their reinvention of the Festa for the sake of the Church preventing the growing Evangelical Pentecostal influence), the Holy Spirit related experiences in popular Brazilian Catholicism.

Keywords: cultural heritage, Azoreans, Brazil, Festa do Divino/Feast of the Holy Spirit, Florianópolis

INTRODUÇÃO

A história da chegada e do assentamento dos açorianos no Brasil (a primeira leva em 1748-1756) sempre foi marcada pela omnipresente devoção deste grupo étnico ao Divino Espírito Santo. Apesar do fato de que a Festa do Divino vem da tradição oriunda de Portugal continental ainda do século XIII/XIV, reconhecendo-se geralmente a rainha Isabel de Aragão como a pessoa que a instituiu, pagando desta maneira as suas promessas, foram precisamente os açorianos que adotaram e interiorizaram o culto e desenvolveram a Festa, aceitando-a como sua própria e divulgando-a no mundo inteiro. Com as sucessivas levadas migratórias das Ilhas dos Açores, a tradição chegou também no Brasil¹, onde no catolicismo sincrético popular de proverbial “pouco padre e muita festa” a Festa achou, longe do Vaticano, um ambiente muito propício para a sua perpetuação e preservação, com bastante autonomia por parte das irmandades e dos leigos na sua organização, mas, às vezes, também numa certa tensão em relação ao discurso oficial da Igreja ou até fora do controle da hierarquia local.

Florianópolis é a capital insular do estado de Santa Catarina e uma das grandes referências de identidade açoriana no Brasil, festejando em 2023 o seu 350 aniversário. Até os anos 80 do século XX uma capital estadual esquecida e pacata, atualmente Florianópolis vive processos de urbanização e cosmopolitização exacerbados – considerada um dos maiores pólos imigratórios do Cono Sur, com a sua “indústria” surfista, preservada Mata Atlântica, um dos maiores índices do desenvolvimento humano (IDH) e econômico no Brasil, renda média, nível de escolaridade, assistência médica e longevidade da população superiores

¹ Sobre a Festa do Divino no Brasil veja outras publicações da autora: Mariano & Siuda-Ambroziak, 2020; Mariano & Siuda-Ambroziak, 2021a; Mariano & Siuda-Ambroziak, 2021b; Siuda-Ambroziak, 2022.

às outras capitais estaduais,² a cidade está recebendo um grande influxo de pessoas (das outras partes do estado catarinense, dos outros estados do Brasil e do exterior), provocando mudanças sem precedentes no seu panorama cultural e, conseqüentemente, também religioso.

Apesar da forte fusão de culturas e de trocas simbólicas que estão acontecendo entre os seus moradores de várias descendências étnicas³, Florianópolis é, sem dúvida, uma cidade onde o patrimônio cultural dos açorianos ainda se revela com muita força, não somente no seu aspecto tangível (na arquitetura local histórica, erguida com pedra, cal e óleo da baleia, na existência dos ranchos de pescadores artesanais, na renda de bilro artesanal), mas também intangível: nos arrastões comunitários da tainha, no sotaque manezinho, na música, cantaria dos foliões, espetáculos lúdicos de boi-de-mamão, no imaginário coletivo sobre lobishomens e bruxas, nas benzeduras e, precisamente na religiosidade popular, com suas festas, folguedos, ritos e símbolos devocionais da vivência comunitária açoriana. A herança histórico-cultural açoriana é facilmente percebida, influenciando saberes e fazeres, hábitos e costumes, com a religiosidade popular reproduzindo o calendário litúrgico das festas mais importantes no Arquipélago açoriano: Festa de São Sebastião (20 de janeiro), Festa de Nossa Senhora dos Navegantes (2 de fevereiro), Festa de Nossa Senhora do Desterro (padroeira da catedral metropolitana – 17 de fevereiro), Festa de São Pedro (padroeira do bairro de Barra da Lagoa e do Pântano do Sul – 29 de junho), Festa da Nossa Senhora da Lapa (padroeira do Ribeirão da Ilha - 8 de setembro), Festa de Santa Catarina (padroeira do Estado e da Ilha – 25 de novembro), procissão de Corpus Christi, procissão do Senhor Jesus dos Passos (um dos símbolos religiosos da cidade de Florianópolis), e, *last but not least*, a Festa do Divino Espírito Santo – a maior marca da tradição da religiosidade açoriana popular na capital catarinense ligada à comemoração de Pentecostes (a data flexível), introduzida no calendário festivo do catolicismo local em 1748 e atualmente, pela Lei Estadual nº 15.731/2012, registrada como patrimônio histórico e cultural de Santa Catarina e oficialmente considerada um traço relevante da cultura regional religiosa, que precisa de proteção e preservação. Assim, a Festa é promovida não somente pelas comunidades católicas (já de

² Segundo os dados do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Florianópolis é o terceiro município do Brasil em termos de qualidade de vida (PNUD Brasil, 2013).

³ O estado abriga atualmente, além das açorianas, também um conjunto de outras heranças culturais das várias etnias que contribuíram historicamente para a formação da identidade catarinense: alemães, italianos, poloneses, ucranianos, húngaros, russos, holandeses, austríacos, japoneses, etc. Todos estes grupos trouxeram sua cultura, inclusive religião e religiosidades, mas aceitaram a Festa do Divino como os festejos de toda comunidade local católica.

descendência étnica mista), mas também pelas autoridades eclesiásticas e municipais (Secretaria Municipal de Cultura) e instituições de apoio à cultura (Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes), comemorada no espaço público, nos lugares de visibilidade⁴ e reconhecida independentemente da origem étnica dos seus promotores, organizadores e participantes.

A Festa do Divino, que possui traços fortes de carnavalização (espetáculo de rua festivo, procissão colorida de trajes de luxo)⁵, sem caráter penitencial (não é uma festa de pedidos: é a Festa de agradecimentos pelas graças já alcançadas, do louvor ao Espírito Santo, do pagamento das promessas), constitui uma das maiores referências identitárias dos descendentes dos açorianos na região. Este espetáculo pode ser considerado um ‘ritual’ no sentido antropológico, ou seja, um evento especial, deslocado do tempo ordinário, de caráter coletivo e que é, ao mesmo tempo, dramatização e conformação da realidade sociocultural vivida pelos participantes.

Para as reflexões aqui apresentadas contribuiu a pesquisa do campo na forma da observação participante do fenômeno das Festas do Divino realizada entre os anos 2018-2022 (com o intervalo pandêmico em 2021) na região de Florianópolis, que permitiu a aproximação das características e variações da Festa nos seguintes lugares: Palhoça, São José, e a Ilha de Santa Catarina, com as comunidades: Ribeirão da Ilha, Pântano do Sul, Campeche, Rio Tavares, Lagoa da Conceição. Foi também possível, no decorrer da pesquisa, adquirir e aprofundar o conhecimento sobre a Festa por meio de breves depoimentos dos moradores dos seguintes lugares: Santo Amaro da Imperatriz, Enseada de Brito, Tijucas, Santo Antônio de Lisboa e Barra da Lagoa, encontrados nas Festas observadas.

⁴ Arendt (2007) explica que somente quando a realidade pode ser vista numa variedade de aspectos e na mais completa diversidade, ela torna-se fidedigna. A realidade é garantida e confirmada somente quando vivida e compartilhada por muitos.

⁵ Duas situações onde a vestimenta não costumeira é admitida sem nenhuma censura no espaço público são precisamente estas: do carnaval e da festa religiosa, ambas propiciando o deslocamento para fora da vida cotidiana, um com seus rituais de cunho lúdico e com exaltação coletiva, entusiasmo, delírio, ‘effervescence’ (Durkheim, 1954) e o outro – com a procissão de trajes, que constitui uma das mais importantes traços do catolicismo popular brasileiro, sendo o foco de atração em vários rituais e festas.

FIGURA 1. MAPA DOS LUGARES DA PESQUISA DO CAMPO



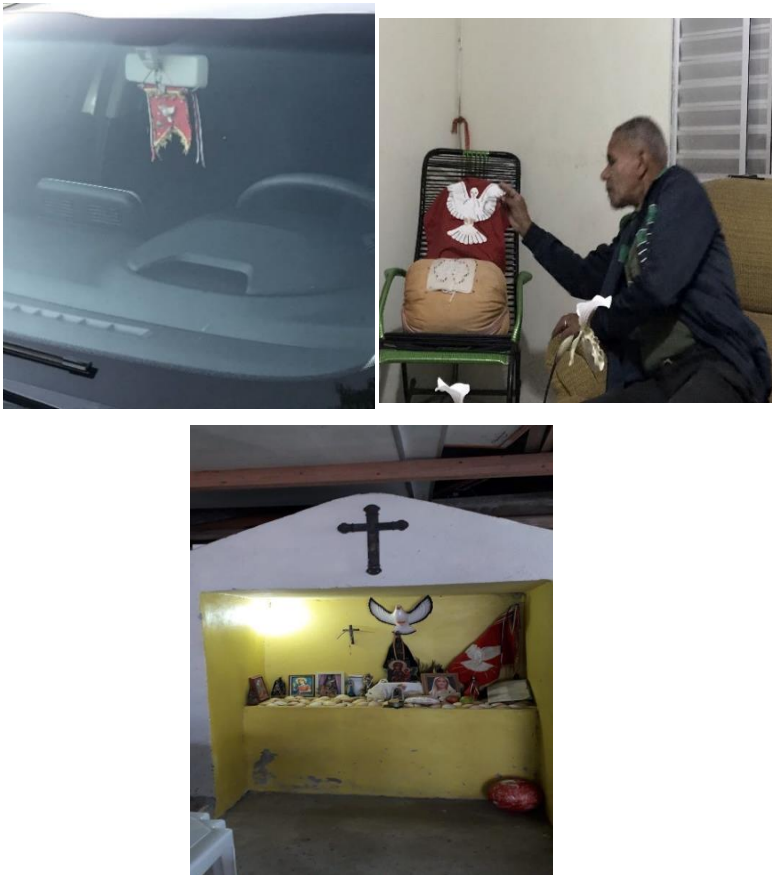
Fonte: <https://www.brasil-turismo.com/santa-catarina/mapas/mapa-florianopolis.htm>

Foi durante a pesquisa do campo que um conjunto de manifestações religiosas e profanas ao redor da Festa do Divino se revelou como grande potencial para a subsequente análise das várias características, circunstâncias e dinâmicas deste ritual complexo do catolicismo popular de origem açoriana na busca da ‘coeternidade’ - compartilhamento do espaço e do tempo das manifestações produzidas e vividas pelos sujeitos pesquisados, possibilitando uma objetivização da experiência comum vivenciada e de sentimentos de participação religiosa e profana da Festa (Fabian, 2006).

O objetivo do artigo é apresentar as reflexões sobre esta experiência, situadas histórica e culturalmente na rede de relações sociais observadas e vividas

nestes eventos, mostrando a força da preservação dos traços essenciais dos ritos da Festa açoriana na memória coletiva dos moradores da região, que tenha contribuído para a continuada e acentuada presença do culto do Divino Espírito Santo em Florianópolis e para a divulgação do saber acumulado da organização dos festejos, reproduzidos pelos atores sociais em vários matizes, formas e modelos, mas com forte cerne original. O artigo demonstra também que as Festas do Divino, como fatos sociais, manifestam não somente a força das tradições açorianas estabelecidas, mas também ideias atualizadas ou completamente novas, diferentes das já conhecidas, juntando em si conservação com inovação e renovação, indispensáveis para a preservação e perpetuação desses festejos populares.

FIGURA 2, 3, 4. SIMBOLOGIA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO ACOMPANHA OS HABITANTES DE FLORIANÓPOLIS DIA-A-DIA, TAMBÉM FORA DO CICLO DAS FESTAS: NO TRADICIONAL RANCHO PESCADOR DO GETÚLIO DO CAMPECHE; NOS MEIOS DE TRANSPORTE; EM CASAS PARTICULARES (ARQUIVO DA AUTORA)



Portanto, seguindo o ditado popular de que “nada se perde, tudo se transforma”, provamos que as alterações na organização da Festa do Divino em Florianópolis deixam sempre lacunas sobre as quais os organizadores moldam novas soluções, renovando a tradição no processo da apropriação ativa das produções sociais através de uma estratégia de aquisição condicionada por valores e práticas mais atuais (Certeau, 1994).⁶ Enquanto tudo isso acontecia anteriormente num ambiente de uma autonomia leiga das irmandades, com os questionamentos da Igreja institucional impactando em alguns lugares a organização desta manifestação religiosa, ultimamente parece que os conflitos tenham sido superados com abertura de um novo espaço para a reinvenção desta tradição festiva (Hobsbawn & Ranger, 1984) aproveitada pela hierarquia para se contrapor às influências crescentes dos grupos evangélicos pentecostais. Esta simbiose fortalece a Festa, providenciando o apoio institucional necessário para a sua organização e legitimizando-a, inclusive frente às várias autoridades locais envolvidas na sua preservação.

CONTEXTUALIZAÇÃO TEÓRICA

O conceito do catolicismo popular denota um conjunto de crenças, rituais e práticas religiosas ‘desviadas’ dos padrões estabelecidos pela ortodoxia oficial e guardadas pela hierarquia eclesiástica, opondo-se às vezes à religiosidade representada e transmitida pelo clero, ou distanciando-se da religião institucionalizada. Nas práticas religiosas do catolicismo popular são muito importantes as formas de contato dos devotos com o sagrado intermediadas pela presença dos santos - estas devoções são o elemento central e marcante da religiosidade popular (Zuluar, 1983).

As festas cíclicas, anuais, dedicadas aos santos, constituem um “espaço privilegiado da experiência religiosa” no catolicismo popular brasileiro (Steil, 2001, p. 23), onde os esquemas de pensamento e de ações referentes ao sagrado são compartilhados por todos que dialogam diretamente com os seus santos intermediadores (Bourdieu, 1994). Neste sentido, a festa religiosa popular se apresenta como um dos elementos cruciais nas formas de configuração do sagrado

⁶ Segundo Certeau (1994, p. 46), a produção de consumo pressupõe que os grupos sociais não apropriam nada de uma maneira passiva, mas através de uma estratégia de aquisição condicionada por valores e práticas culturalmente definidas. A estratégia “postula um lugar capaz de ser circunscrito como um próprio e, portanto, capaz de servir de base a uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta”.

que emergem das relações entre os santos e os seus devotos, baseadas nas promessas - as trocas simbólicas entre os devotos e seus santos, que se manifestam nos pedidos e nos agradecimentos (Menezes, 2004), sendo a organização ou participação da Festa uma das possibilidades para materialização de um ex-voto. O pagamento das promessas, que resulta em assumir o papel na organização da Festa, é o cumprimento do compromisso e a tentativa de ‘acertar as contas’ entre o devoto e o seu santo – como a Festa supõe a presença viva do santo de devoção no espaço sagrado que ela cria, aparecem oportunidades para “interações pessoais” com este, sacralizando todo o ritual festivo.

A Igreja Católica sempre tentou, desde o período colonial, disciplinar, absorver e moldar a religiosidade popular brasileira de acordo com suas doutrinas, às vezes gerando pelo caminho tensões e conflitos (Siuda-Ambroziak, 2013). Não era diferente com a história da Festa do Divino na região florianopolense. No entanto, um grande debate que demonstrava um corte definitivo entre catolicismo popular e catolicismo do Vaticano já é considerado ultrapassado, pelo menos na medida que apontava uma dicotomia irreconciliável entre as práticas religiosas do povo e as da instituição: “As coisas acabaram aparecendo como menos simples, mais articuladas do que dicotomicamente opostas” (Sanchis, 2007, p. 12). Existe, portanto, outra vertente da possível relação entre o popular e o institucional – a Igreja atualmente procura aceitar, no que for possível, as tradições religiosas populares, aproximando-se das velhas práticas, que sobrevivem de qualquer jeito, até sem seu aval ou contra seu gosto, capturando a riqueza, a espontaneidade e a expressão livre da fé, que ajudam a trazer as celebrações e festejos populares para mais perto dos templos e altares oficiais. Por outro lado, num processo mais simbiótico, a expressão espontânea do catolicismo popular passa também a ser exteriorizada em melhor conformação com o padrão de comportamentos aceito pela instituição religiosa, que os legitima, adaptando e reprocessando certos ingredientes das velhas tradições para serem praticados de acordo com as interpretações da hierarquia. Apesar dos sacerdotes católicos ocuparem o lugar de destaque nestes processos de acomodação mútua, nas práticas religiosas populares existe sempre no Brasil liderança leiga inquestionável: são ‘sacerdotes’ carismáticos, no sentido weberiano da palavra, que não passaram pelos seminários, nem sistematização doutrinária, bastante autônomos diante das autoridades eclesiais graças ao apoio assegurado pelos fiéis. Quando os sacerdotes formais se entendem com os inoficiais, por exemplo em prol da organização da Festa, as práticas do catolicismo popular podem ser assumidas sem sofrerem processos de padronização universal - cada cultura tem a sua própria maneira de se

relacionar com o sagrado e forma uma particularidade, pertinente e importante somente para um dado grupo, segundo um conjunto de rituais e símbolos compartilhados por seus membros, herdados das tradições ancestrais embutidas no seu próprio mundo de representações, que se exterioriza principalmente nas celebrações, festejos, e comemorações comunitários, envolvendo emoções e sentidos. Um exemplo perfeito destas práticas são precisamente as Festas do Divino Espírito Santo, herdadas do grupo étnico açoriano e embutidas na cultura religiosa local catarinense de uma maneira muito profunda. Não é em vão que os pesquisadores reparam que “o catolicismo popular constitui a cultura mais original e mais rica que o Brasil já produziu” (Hoornaert, 1991, p. 99).

O campo religioso local não foge, portanto, dos festejos dos seus padroeiros, santos populares e oficiais, inclusive do Divino Espírito Santo – todos eles precisam do culto público, realizado em determinados tempos e locais, repetido ciclicamente, preservando uma função comemorativa. No entanto, a Festa é, ao mesmo tempo, uma manifestação da vida sociocultural do grupo humano, uma das mais poderosas forças da coesão social, reforçadora da solidariedade grupal, ativadora do instinto da reciprocidade e do sentimento de pertencimento à comunidade local. Portanto, a Festa do Divino Espírito Santo deve e será aqui pensada também em imbricações com as relações sociais e simbólicas desenvolvidas no lugar onde ela acontece.

A FESTA DO DIVINO NA REGIÃO DE FLORIANÓPOLIS

A tradição da Festa do Divino na região metropolitana está historicamente ligada não somente à presença açoriana, mas também às memórias coletivas da população local das visitas do segundo e último imperador do Brasil, Dom Pedro II, que, no anos 40 e 60 do século XIX, influenciaram, pelos incentivos e doações feitas por ele em prol do culto do Divino, a preservação da tradição da Festa na região. Por exemplo, na Lagoa da Conceição foi ele que doou dinheiro para a compra de alfaias necessários para a Festa, deixando também a coroa, a salva, uma espada e um cetro de prata, símbolos do Divino Espírito Santo, e depois ainda presenteando a paróquia com dois sinos de bronze. Foi ele também que doou os recursos para a paróquia de Santo Antônio de Lisboa (em 1845) para a compra dos alfaias, o que permitiu a aquisição de uma coroa de prata lavrada; Santo Amaro de Imperatriz, por causa das águas termais famosas, atraiu o casal dos imperadores em 1845 e foi uma década depois da visita da realeza, que no local surgiu a primeira festa, acrescentando ao nome original o município “da Imperatriz”. Como pude constatar nas minhas observações e conversas, em vários

lugares as primeiras comemorações aconteceram logo após a visita régia, o que confirma o incentivo dado pelo imperador à preservação desta tradição da religiosidade popular.

A Festa do Divino Espírito Santo, apesar de não ter permanecido essencialmente inalterada por séculos, possui alguns elementos em comum nos lugares onde ela acontece na região, entre eles: os instrumentos musicais típicos (tambor, rebeca, viola) e as cantorias do Divino executadas pelos foliões populares⁷; as bandeiras do Divino com o símbolo da pomba branca, frequentemente chamada de “santo”⁸; as personagens dos festeiros (um casal de organizadores da festa)⁹; os imperadores do Divino (muitas vezes são imperadores-meninos, crianças ou adolescentes, representantes da família dos festeiros, coroados durante a missa festiva no domingo, com todas as insígnias do seu poder: coroas, cetros, espada) e a sua corte imperial; membros das irmandades, vestindo opas vermelhas; envolvimento de uma grande parcela da população dos lugares onde acontece a festa em prol da sua organização.

⁷ Grupos de músicos populares e cantadores, constituídos pelo puxador do canto, tocadores de rebeca, viola, tambor e tripa - voz falsete, que acompanham a bandeira no peditório e que definem a sequência dos rituais da festa, inclusive a liturgia na igreja, providenciando em versos improvisados as orientações para os organizadores, o padre e os participantes. O repertório do folião é constituído parcialmente de versos repassados oralmente e parcialmente - criados de improviso. O “puxador da cantoria”, “tirador de versos”, por seu talento de invenção, sempre tem desempenhado o papel de destaque na folia.

⁸ São as bandeiras vermelhas com a pomba branca bordada no meio, mastro com flores ou figura de pomba de madeira ornamentado com girlandas de flores e fitas coloridas de promessas, de costume cortadas para presentear para pessoas doentes e ausentes, para colocar em cima de crianças pequenas para protegê-las contra o mau olhado, quebrante ou embruxamento ou guardadas na carteira.

⁹ Os festeiros podem ser chamados também de imperadores. Neste caso o casal coroados de crianças chama-se de rei e rainha. Os festeiros são as personagens mais importantes da Festa, guardiões das insígnias do Divino e responsáveis pela manutenção da Festa.

FIGURA 5, 6. O FOLIÃO FAMOSO DO CAMPECHE ATUANDO NA FESTA DO DIVINO DO RIO TAVARES (FOTO DO ÁLBUM DOS DEVOTOS); O DEPOIMENTO DO PUXADOR DO FOLIÃO, BERNARDINHO TEIXEIRA (COM A ESPOSA, TEREZA)



O papel das irmandades sempre era muito importante na tradição do catolicismo lusitano (Siuda-Ambroziak, 2013). Na região de Florianópolis, destacam-se até hoje irmandades do Divino Espírito Santo nos seguintes bairros (antigas freguesias): Centro, Ribeirão da Ilha, Santo Antônio de Lisboa, Lagoa da Conceição, Canasvieiras. Outras localidades possuem grupos menos formais, chamados “irmãos do Divino” ou “irmãos do Santo” – voluntários que acompanham os peditórios de bandeira, participam dos cortejos vestindo opas vermelhas, cuidam da organização da festa e da cerimônia litúrgica na igreja. Irmandades têm como finalidade mais importante resguardar, promover e organizar o culto ao Divino Espírito Santo, gozando de bastante autonomia nas suas atividades. Onde não existem irmandades, no entanto, sente-se forte influência do pároco

local e muito mais controle e interferência da Igreja hierárquica na organização e programação dos festejos. Nestes lugares apareceram também antigamente vários problemas e algumas tensões.

FIGURA 7, 8. A SEDE DA IRMANDADE DO DIVINO ESPÍRITO SANTO EM FLORIANÓPOLIS, ONDE SE ARRECADA RECURSOS PARA A ORGANIZAÇÃO DA FESTA; OS IRMÃOS DO DIVINO VESTINDO OPAS VERMELHAS DURANTE A FESTA, NO CORTEJO SAINDO DA MISSA FESTIVA DO DIVINO NO SÁBADO (ARQUIVO DA AUTORA)



Alguns exemplos: a Festa da Laguna, por causa das interferências eclesiais coibindo os folguedos populares, foi enfraquecendo e diminuindo, até perder a sua intensidade quase completamente, tendo de ser praticamente reiniciada nos anos 70 do século XX. A mais importante Festa organizada pela irmandade da Igreja Matriz Nossa Senhora de Desterro, descrita por Várzea (1984), passou pelos conflitos com a hierarquia eclesial, que resultaram nos problemas com a sua execução: vários bispos queriam acabar com a Festa, criticando os folguedos profanos que a acompanhavam, o que repercutia negativamente na comunidade local. Nos anos 80, a Festa entrou em declínio, mas reapareceu nos meados dos anos 90, com o apoio por parte de várias instituições leigas, entre elas do Colégio Coração de Jesus e da Polícia Militar de Santa Catarina. Agora, com algumas alterações (sem o périplo de bandeira, sem foliões substituídos pela banda militar da polícia, com uma missa campal e corte mirim formada pelos alunos do ensino fundamental e a corte real formada pelos alunos do Colégio Coração de Jesus), ganhou de novo mais visibilidade. Em Santo Antônio de Lisboa houve também desentendimentos, nos anos 30 do século XX, com os hierarcas locais da Igreja católica. Desde então na comunidade acontecem, já tradicionalmente, duas cerimônias de coroação durante a Festa do Divino, por causa da fusão das duas Festas: do Divino e da Nossa Senhora das Necessidades. Um grupo de meninas vestidas de anjos faz coroação da imagem da padroeira no sábado, o ritual que foi introduzido pela aversão do pároco de então aos rituais da Festa do Divino envolvendo a coroação do imperador-menino. A comunidade aceitou a cerimônia de Coroação da Nossa Senhora das Necessidades, mas ao mesmo tempo não desistiu da outra, vista como uma herança cultural dos açorianos. No clima da tensão, a padroeira começou a ser coroada na missa de sábado e o menino-imperador – continuou a ser coroado na missa festiva dominical. O pároco teve que capitular frente à oposição forte dos paroquianos. Na comunidade de Trindade, um dos párocos provocou nos anos 50 do século XX, visando os lucros para a paróquia, grandes transformações na organização da Festa do Divino: primeiramente juntando-a com a Festa da Santíssima Trindade e acrescentando ainda uma Festa secular de comercialização de laranja (uma grande feira dos produtores desta fruta). Em pouco tempo foi, no entanto, o comércio de laranja que começou a ser o objetivo mais importante no tempo da Festa do Divino e demorou vários anos para as festividades religiosas passarem a ser de novo a principal motivação dos organizadores e dos participantes. Algumas Festas desapareceram na região, pela falta do incentivo por parte da paróquia, somente nos finais do século XX: um bom exemplo é o município de Itajaí, que introduziu

a festa do Divino Espírito Santo ao seu calendário litúrgico somente nos anos 90 do século XX. A mesma situação aconteceu na Cachoeira do Rio Tavares e na Barra da Lagoa da Ilha de Santa Catarina, também na década dos anos 90.

Durante os caminhos percorridos na pesquisa, foi identificada uma multiplicidade das maneiras de acrescentar elementos novos às Festas ou suprimir os antigos, segundo as necessidades locais, por exemplo, às vezes a festa do Divino tende a ser comemorada junto com a festa dedicada ao santo padroeiro. A data de Pentecostes já é flexível no calendário litúrgico da Igreja, mas na região ela também depende localmente das decisões tomadas numa paróquia ou numa diocese: como muitas das comunidades fazem questão de organizar a Festa, o calendário se estende para muito antes e muito além do dia de Pentecostes, com as festas acontecendo entre maio e setembro, começando na sexta à tarde, com o cortejo real saindo da casa dos festeiros, e terminando no domingo à tarde, com a escolha dos festeiros para o ano seguinte.

No caso do município de Laguna, a Festa do Divino Espírito Santo foi transferida para outubro para não coincidir com a festa do padroeiro Santo Antônio, celebrada dia 12 de junho. No caso de São José, a Festa foi reunida com o dia do padroeiro, São José Operário. No caso de Santo Antônio de Lisboa, a festa acontece somente em setembro, juntada com a Festa da Nossa Senhora das Necessidades. Interessante é também a presença e a inclusão de imagens dos santos padroeiros nos cortejos reais da Festa do Divino em vários lugares, fora do calendário das suas festas.

Por outro lado, observando a programação da Festa na região podemos ver que atualmente existe uma grande preocupação com o estabelecimento do cronograma das Festas nas paróquias, complementando as datas numa sincronia para não coincidirem (a Festa que abre atualmente o ciclo do Divino em Florianópolis é normalmente a do Centro, com uma missa festiva na Catedral metropolitana, na presença das autoridades). Existe costume de convidar as comunidades vizinhas para participarem das Festas - nas minhas peregrinações de pesquisa encontrei muitas pessoas que, como eu, apareciam em várias festas consecutivas da região metropolitana.

FIGURA 9. O ANÚNCIO SOBRE O CALENDÁRIO DO CICLO DO DIVINO EM FLORIANÓPOLIS EM 2023 DISTRIBUIDO NAS COMUNIDADES



Cada Festa do Divino na região é composta por elementos bem definidos do script tradicional: a parte religiosa com novenas preparatórias e missas festiva; parte sacro-profana com o cortejo da bandeira antes da festa (saída da bandeira ou peditório da bandeira, que percorre as casas na busca dos donativos para a festa, na companhia dos foliões) e no dia festivo - o seu corte imperial; parte profana, com leilões, bailes, almoços comunitários, shows pirotécnicos, danças folclóricas, exposições, etc.

Na maioria dos lugares visitados a tradição de peditório da bandeira antes da festa está, infelizmente, acabando. Para este fato contribuem, antes de tudo, o imenso fluxo das pessoas de fora, que não conhecem esta tradição e não sentem necessidade de participar e abrir a sua casa para os integrantes da comitiva da bandeira, até pelas questões ligadas à outra filiação religiosa, diferente do catolicismo, ou à segurança da sua casa, mas também à “poluição sonora” com estouros de foguetes de vara avisando a saída, com a música e cantarias dos foliões. Em vários lugares ouvi queixas por parte dos antigos moradores e organizadores da festa sobre as denúncias feitas por novos moradores por causa do barulho dos foguetes ou barulho da música dos foliões. Por causa disso foi introduzido recentemente em alguns lugares o “périplo silencioso”, acentuando somente oração nas casas visitadas e recolhimento dos donativos. Noutros lugares, os foliões desapa-

receram, infelizmente, completamente das comemorações, sendo substituídos no dia de festejos pelas bandas profissionais, por exemplo a banda do exército, a banda da polícia, etc.

Onde a saída da bandeira ainda existe, um grupo tipicamente consistindo dos membros da irmandade (no Campeche chamados de “brilhantes”), dos foliões (ou, pelo menos, um tambor) e da representação dos organizadores da festa percorrem as casas particulares, limitando-se agora somente aos antigos moradores do local e fazendo convites para as contribuições para a organização da festa na forma do dinheiro, prendas, donativos ou qualquer outro tipo de ajuda. Se a bandeira chega à tarde, às vezes os acompanhantes carregam tochas. Os donos da casa sempre agradecem a visita, oferecendo comida e bebida a todos os participantes da bandeira, em alguns lugares chamados de “procuradores da bandeira”. Muitas vezes, como pude testemunhar, os donos da casa, depois de receberem a bandeira à porta, deixam os integrantes percorrerem todas as dependências da casa, cujos moradores recebem uma bênção especial, beijando a bandeira. As pessoas componentes da bandeira são consideradas portadoras de certos poderes especiais: a crença popular diz que por onde passam, afastam doenças e pragas. Talvez seja por isso, que alguns anfitriões preparam uma mesa farta e acolhem a bandeira com muito esmero, promovendo uma confraternização com os membros do peditório, mas também com a vizinhança. São os momentos de emoção para os visitados, não raramente aparecendo lágrimas.

No entanto, como ultimamente somente uma parcela da população aceita a visita da bandeira, as comissões paroquiais tendem a elaborar e divulgar com antecedência a passagem da bandeira pela comunidade para não provocar problemas com os moradores da área e também poder confirmar quem aceitará a bandeira na sua casa. Em algumas localidades as bandeiras são levadas somente por mulheres (“bandeiras”), sem foguetes e música, com toques leves de tambor anunciando a chegada da comitiva. No Estreito, por exemplo, a visita da bandeira desde os anos 90, pela iniciativa do pároco local, adquiriu uma outra dimensão: de uma visita organizada, seguindo protocolos exatos elaborados para estes fins. O modelo pré-estabelecido e tecnicizado mudou, no entanto, o caráter popular dos antigos périplos espontâneos, uniformizando e burocratizando o modelo de abordagem das famílias nas casas dispostas a receber a bandeira.¹⁰

¹⁰ As equipes incluem mais que 100 pessoas divididas em grupos, com crachá de identificação, uma pasta e um folder com as orações uniformizadas, para implementar uma estratégia de visitas seguras.

FIGURA 10, 11. AS BANDEIRAS DO DIVINO SAINDO DA CASA DOS FESTEIROS PIRES (FOTO DO ÁLBUM DA FAMÍLIA); CASAL VALDÉCIA E ONOFRE PIRES, DEVOTOS DO DIVINO E GRANDES INCENTIVADORES DO CULTO E DA FESTA NO CAMPECHE, DURANTE O SEU DEPOIMENTO (ARQUIVO DA AUTORA)



A tradição do périplo da bandeira foi também influenciada pela pandemia: além das comemorações não terem acontecido em 2021, o costume de beijar o tecido da bandeira pelos participantes durante o percurso da bandeira junto com aglomeração que a mesma sempre convoca, atuou no sentido de proibição da organização da Festa durante a pandemia e da conscientização das pessoas sobre a questão higiênica ligada ao culto da bandeira. Nos tempos pandêmicos, o número das pessoas que procuravam a oportunidade de beijar o tecido da bandeira caiu drasticamente.

A escolha do casal dos imperadores ou festeiros é feita de maneiras diferentes em vários lugares: pela aclamação, pela escolha dos festeiros atuais, pelo

sorteio¹¹ ou pela questão de pagamento da promessa feita por um casal. Ao assumir o compromisso, os novos festeiros se dedicam à missão, arcando com a responsabilidade para arrecadar recursos para a sua organização. Muitos se envolvem na organização por se tratar da tradição familiar, outros para desempenhar, por um ano, um lugar de destaque no meio social local. Existem, o que conseguimos ver em muitos lugares, as verdadeiras linhagens dos imperadores/festeiros nas comunidades com as famílias mais envolvidas e mais devotas “produzindo” os herdeiros da tradição disponibilizando-se para organização das festas: o cargo temporário do imperador/festeiro é um sinal de prestígio na comunidade e traz, como se acredita, muita bênção para toda a família. Um olhar nas listas dos imperadores em cada comunidade sempre permite identificar os sobrenomes das famílias mais comprometidas com a organização da Festa, onde responsabilidades e deveres ligados à perpetuação da festa são repassados de geração a geração. Muitas comunidades, mas também muitas famílias, possuem um arquivo especial das Festas do Divino, onde se preserva os nomes dos festeiros e os álbuns com as fotos das comemorações, especialmente dos cortejos reais. Em algumas localidades, os festeiros escolhem também os casais de coadjuvantes, chamados de “juizes” e dividem assim, de uma certa maneira, as responsabilidades com a organização da Festa.

¹¹ No Estreito existe uma tradição da escolha do casal de festeiros do ano seguinte por uma criança, integrante do cortejo por meio de tocar num dos cartões com os nomes com o bico de uma pomba de prata.

FIGURA 12,13, 14. O SORTEIO DO NOVO CASAL IMPERADOR PELO PADRE (PÁROCO ANTÔNIO DE RIBEIRÃO DA ILHA); ÀS VEZES A FUNÇÃO DO FESTEIRO É REPASSADA DE GERAÇÃO À GERAÇÃO, FORMANDO OS 'CLÁS' DO DIVINO E ALGUNS CASAIS ASSUMEM TAMBÉM O PAPEL DE FESTEIROS MAIS QUE UMA VEZ, O QUE FOI TAMBÉM O CASO DOS PIRES E DOS NEI NAS FOTOS (ARQUIVO DA AUTORA).



Algumas pessoas aceitam o papel dos festeiros não somente por serem devotas, mas também visando algumas vantagens mais ou menos tangíveis, o que pode ser ligado à busca do acréscimo no prestígio e capital social. Os participantes da Festa reparam que no contexto do ano eleitoral, com as teias de relações sociais e políticas ajudando no estabelecimento das interações em torno do status atribuído aos organizadores da festa, aparecem geralmente mais candidatos para organização, na procura da eleição para algum cargo político. Em geral, no ano eleitoral observa-se crescente interesse em assumir o cargo do festeiro por parte dos políticos locais que se candidatam para fazer a festa, cientes do prestígio conferido pela comunidade. Os festeiros realizam através deste empenho uma propaganda de si mesmos, da família, da sua empresa ou até do seu partido político, realizando o desejo de exercer liderança na comunidade, por mais temporária que seja (um ano).

Antigamente, em todas as festas era a responsabilidade total do casal festeiro/imperador de angariar os recursos, o que eles faziam normalmente com a ajuda da família. Depois os festeiros começaram a procurar o patrocínio por parte da comunidade, das empresas locais e, cada vez mais, o mecenato cultural do município, dos órgãos estaduais e federais do fomento para as iniciativas culturais. Depois de cada comemoração, o casal festeiro presta as contas da Festa e se reúne com os novos festeiros para ajudar no planejamento da festa para o ano seguinte.

Apesar do fato que é proibido aos festeiros tirar qualquer lucro da organização da festa, eles com certeza ganham capital social. Talvez seja por isso, acrescentando também o fator financeiro, que antes dificultava aos menos abastecidos cumprir o papel dos festeiros, que foram formadas nas comunidades as comissões organizadoras (membros das irmandades, vigário, provedor, casal festeiro e outros membros ativos da comunidade da paróquia), que assumem atualmente uma grande parte da estrutura funcional, despesas, planejamento e execução da programação cultural e religiosa. Em alguns casos o casal festeiro cumpre somente a função representativa, como é, por exemplo, o caso da Festa organizada em Santo Antônio de Lisboa, na cooperação de vários agentes da comunidade.

Em alguns lugares, ainda anuncia-se festejos com o tocar dos sinos e uma grande queima de fogos. Noutros locais (por exemplo em Santo Amaro da Imperatriz), no primeiro dia da festa, as autoridades políticas simbolicamente repassam, antes da missa, a gestão do município às mãos dos organizadores da festa, que exercem por três dias o poder municipal, com a sede do município usada como a sede do Império do Divino. Na Palhoça o ato de entrega simbólica das chaves do município é feita, em nome dos poderes políticos, pelo pároco e acon-

tece durante o Baile dos Festeiros organizado na sexta-feira. Neste dia são também lembrados os festeiros dos anos anteriores, que recebem, de presente, um pão sovado tradicional. Estes agradecimentos juntam-se a uma exposição de fotos das comemorações anteriores e a um pequeno cortejo – uma encenação da Festa feita pelas crianças da escola fundamental local. Na Enseada de Brito, o Império é organizado na casa particular, para onde são transferidas da paróquia as alfaias e onde, depois da retirada da mobília, se ergue um pequeno altar.

No primeiro dia da Festa normalmente acontece missa, precedida pelo cortejo imperial (sempre com trajes ricos, da época¹², confeccionados e bordados em tecidos nobres e providenciados, na maioria das vezes, pela verdadeira “indústria do Divino” do município Santo Amaro de Imperatriz)¹³, saindo da casa dos festeiros, acompanhado pela bandeira do Divino, banda musical, foguetes e aplausos dos fiéis.

Antigamente, na maioria dos casos, o cortejo era composto somente por duas ou três crianças (imperador-menino, imperatriz-menina e um pajem), com o mesmo traje vestido por vários anos. Com tempo, o número dos participantes do cortejo estava aumentando e os trajes tornaram-se cada vez mais luxuosos e renovados todo ano, o que fez o cortejo um espetáculo cada vez mais atraente. A participação dos cortejos é normalmente muito procurada nas comunidades, assim por adultos e jovens, como pelos pais das crianças, e é tida como prestigiosa: a passagem do cortejo sempre acompanham elogios do público, que assiste nas ruas. Os integrantes do cortejo são tradicionalmente jovens, adolescentes e crianças, geralmente filhos do casal festeiro, os seus parentes e amigos. Em algumas localidades existe uma lista de espera para os jovens de fora do círculo familiar dos organizadores poderem participar dos cortejos, nos quais variam o número de participantes, a ordem deles no cortejo¹⁴ e, obviamente, a escolha

¹² Pela tradição de origem real da Festa, na confecção dos trajes desde sempre tentava-se empregar tecidos nobres (seda, organza, veludo, renda, brocado), uma riqueza de detalhes e alta costura.

¹³ Hoje o município possui uma festa consagrada como a mais importante das ocorridas no Ciclo do Divino de todo litoral catarinense, caracterizando-se pela grandiosidade dos festejos, pelo luxo dos trajes e pela intensa programação. Mas, o que não deixa de ser importante, o município também aproveita da demanda referente à confecção da vestimenta das cortes reais, das bandeiras, da ornamentação das igrejas e praças. Existe uma circulação intensa de mão-de-obra artesã por causa da organização da festa e aparecem profissionais que lidam com as questões da sua organização. Santo Amaro de Imperatriz tornou-se um grande pólo produtor de tudo para a organização das festas do Divino no estado, com comércio de venda e aluguel de trajes e alfaia que abastece todo o litoral catarinense para abrilhamento das festas na região.

¹⁴ Normalmente, de uma maneira mais tradicional, o cortejo obedece a seguinte hierarquia e ordem: porta-bandeira, damas e pajens, incluindo as meninas que representam os sete dons do Espírito Santo, imperador e imperatriz, casal festeiro, autoridades civis e eclesíásticas, membros da irmandade, outros festeiros e membros da comunidade com a banda musical. Na sua formação e organização o cortejo é para ser longo e pomposo.

dos trajes. Aparecem também, em alguns municípios, as invenções de proteção da corte real pelas quatro varas pintadas em cores do Divino (branco e vermelho), carregadas ao redor dos imperadores e da sua família pelos membros da comunidade ou existe um quadro formado pelas varas enfeitadas ao redor do festeiro e imperadores, carregadas pela Guarda Imperial formada por quatro “vereadores”.

Durante as missas, o cetro e a coroa são deixados no altar, num gesto de oferenda ao Espírito Santo. Em alguns lugares as insígnias têm um valor muito alto por causa do teor de metal nobre ou histórico, o que também coloca as peças numa situação de perigo, se não guardadas com devidos cuidados e segurança: na localidade do Rio Vermelho em Florianópolis, a igreja onde tradicionalmente acontece a Festa sofreu roubos - em 1982 desapareceram as insígnias dos imperadores de prata do século XVIII, trazidas ainda de Portugal. A Festa por causa disso sofreu um intervalo de alguns anos, até a comunidade recebeu do governador do Estado uma doação de novas insígnias, revivificando a tradição. Sobre estes tempos de abandono da tradição, os moradores - devotos do Divino falam que trouxeram doença, desemprego, vício, desgraças e vários tipos de problemas para a comunidade, que ficou sem apoio do Divino.¹⁵

Depois da celebração, o casal festeiro e(ou) os seus imperadores são conduzidos para o lugar chamado império (uma pequena capelinha perto da igreja)¹⁶, ou para o salão paroquial caso o império não existir, onde, junto com os festeiros recebem homenagens e cumprimentos dos participantes da festa, às vezes sentados nos tronos imperiais, construídos e ornamentados especialmente para esta ocasião.

Os rituais da sexta são repetidos, inclusive com a formação e a passagem dos cortejos de toda corte real, no sábado à tarde, com baile, quermesses, folguedos populares e muita animação, seguindo a missa.

No domingo de manhã, a Festa é anunciada de madrugada com queima de fogos (cada vez, no entanto, menos praticada), depois da qual acontece a solene missa de coroação – a parte mais importante e significativa da festa, com a entoação do Te Deum e hinos em louvor ao Espírito Santo. Depois às vezes são distribuídos os pãezinhos abençoados pelo padre (“pãezinhos do Espírito Santo”)

¹⁵ Este problema apareceu em cinco conversas com os membros da comunidade com mais de 50 anos.

¹⁶ O império era pensado como um lugar representando o poder do imperador-mediador entre o céu e a terra, visando estabelecimento da igualdade e justiça. Os impérios, construídos perto da igreja, são edificações pequenas, abertas somente durante as comemorações do Divino. Atualmente existem já poucos impérios: para este fim é usada parte do salão paroquial, ou até um comodo de uma casa particular.

e têm lugar as rifas e os leilões¹⁷, com, antes de tudo, a possibilidade de comprar os pãezinhos de massa sovada que representam as partes do corpo que deram motivo para fazer a promessa e significam que a graça foi alcançada. O dinheiro dos leilões é destinado ao pagamento das despesas restantes da Festa, para a organização das comemorações no ano seguinte ou para distribuição entre as pessoas mais necessitadas da comunidade e as famílias economicamente carentes ou, como no caso das “comunidades-construtoras”, para a obra em progresso, reforma ou ampliação da infraestrutura paroquial existente.

FIGURA 15,16,17. O IMPÉRIO, O CASAL FESTEIRO E O CASAL DOS IMPERADORES NO CAMINHO AO IMPÉRIO (ARQUIVO DA AUTORA)



¹⁷ Leilões consistem uma parte importante da Festa do Divino, tendo a sua finalidade objetiva – financeira (angariar os recursos), mas também a sua parte lúdica: aqui destaca-se a personagem do leiloeiro, que, com um jeitinho, deve saber como atrair as pessoas para participação, animar o ambiente, fazer lances com entusiasmo até o arremate final e repasse do objeto leiloado para o vencedor mostrando a sua importância.

FIGURA 18, 19, 20. O TRABALHO DAS MULHERES DA COMUNIDADE EM PROL DA ORGANIZAÇÃO DA FESTA FICA FORA DA VISTA DOS PARTICIPANTES. NO ENTANTO, SÃO AS MULHERES QUE PREPARAM AS DECORAÇÕES, COZINHAM, VENDEM OS TICKET PARA AS REFEIÇÕES COMUNITÁRIAS NOS FESTEJOS E SERVEM A COMIDA (ARQUIVO DA AUTORA)



Apesar do costume de organizar uma grande festa comunitária de almoço e/ou jantar gratuito para todos não existir mais¹⁸, no entanto em todos os lugares se organizam os almoços e jantares comunitários, no salão paroquial, a participação do qual é permitida com a compra do convite, às vezes a preços simbólicos, para motivar a participação popular e manter o costume da partilha dos alimentos e confraternização. Assim, durante todo domingo a Festa continua no salão paroquial e nos arredores com muita comida e bebida. Também existe costume de orga-

¹⁸ Em alguns lugares visitados existe ainda (ou está sendo re-introduzido) o costume de oferecimento pelo casal festeiro da gratuita “sopa do Espírito Santo” ou “sopão” na linguagem popular, com finalidade de recuperar a antiga tradição da caridade açoriana ligada ao culto do Espírito Santo. Muitas vezes o sopão é servido também depois das novenas preparatórias para a Festa, com os ingredientes doados pelos membros da comunidade.

nização pelos festeiros dos almoços e jantares especiais (banquetes) de agradecimento para os mais envolvidos na organização da festa. São encontros de confraternização das redes de apoio que muitas vezes sobrevivem os tempos da Festa.¹⁹

Depois das missas festivas sempre acontecem os folguedos populares com música popular, baile, fogos. Os festejos são uma das raras oportunidades para o convívio social comunitário. A festa providencia assim os momentos importantes do fortalecimento de redes de sociabilidade velhas e formação das novas, ressaltando o valor e significado das relações sociais que envolvem famílias, vizinhos, produtores e consumidores, empresários, autoridades²⁰, enfim – todos que colaboram para o sucesso da Festa e participam dela, reafirmando o seu compromisso com a sua devoção ao Espírito Santo e a busca do seu reconhecimento no meio da comunidade onde vivem e atuam.

As alterações sofridas pelas Festas do Divino no Estado de Santa Catarina parecem pertencer mais ao âmbito dos eventos sociais do que ao ritual tradicional da Festa. Por exemplo, em Santo Amaro do Imperatriz segunda-feira constitui o último dia da Festa, dedicado ao “enterro dos ossos”, um ritual fúnebre de caráter carnavalesco, ligado às velhas tradições do entrudo lusitano. Este feriado municipal começa com o cortejo com a participação de novos festeiros em trajes sociais, que deixam as insígnias do poder na igreja até o ano seguinte. Depois da missa os novos festeiros oferecem o almoço como parte do compromisso assumido por eles para o ano seguinte. Após o almoço, o velho festeiro é colocado num caixão ornamentado com flores e conduzido pela ruas principais acompanhado pelo público e banda de música. Chopp é distribuído para os participantes, que dançam, se divertem à vontade, num clima de confraternização. Na Palhoça é o Baile dos Festeiros que abre oficialmente, na sexta-feira à noite, desde mais ou menos duas décadas, a Festa do Divino. O baile é considerado um dos eventos sociais mais marcantes da comunidade e a participação dele é bastante cobiçada.

A Festa acontece num ciclo que se inicia e termina no mesmo dia: o último dia da Festa atual é o primeiro das preparações para a Festa do ano seguinte, que, como é expectativa de costume, deva ser maior e melhor em luxo, beleza e atrações. Ainda na segunda-feira, em alguns lugares, é celebrada mais uma missa solene com apresentação dos festeiros do ano que vem e o repasse, pelos festeiros do ano atual, das insígnias reais.

¹⁹ Antigamente em alguns lugares os festeiros no domingo distribuíam alimentos aos pobres, na forma tradicional da partilha do bodo, abatendo animais e doando a carne para as famílias necessitadas.

²⁰ A presença dos representantes das indústrias, companhias, empresas e o patrocínio que elas trazem para a Festa é sempre um assunto comentado, fortalecendo o prestígio dos organizadores, mas também, na relação dialética – a popularidade dos empresários e das autoridades locais que tentam comparecer para poderem tomar palavra e circular entre os seus eleitores potenciais.

CONCLUSÕES

O catolicismo popular envolve diversas expressões e manifestações públicas da fé, entre elas precisamente festas religiosas, com a Igreja institucional atualmente aproveitando deste sentimento devocional para os fins de evangelização face ao crescimento dos movimentos pentecostais protestantes. Isso acontece apesar do fato que a dinâmica desta religiosidade festiva às vezes quase ‘dispensa’ a presença dos representantes oficiais da Igreja, com os leigos gozando ainda de ampla liberdade na organização das festas religiosas populares no Brasil.

O culto do Divino Espírito Santo continua sendo na região metropolitana de Florianópolis uma robusta manifestação da fé popular e, ao mesmo tempo, da herança cultural açoriana no litoral do Estado de Santa Catarina. A Festa do Divino ainda traz uma visível carga emocional para os seus participantes e organizadores, e, apesar das mudanças inevitáveis, acentuadas desde os finais do século XX e inerentes ao qualquer processo social, continua como um fato cultural dinâmico de uma riqueza ritual marcante, combinando sempre na sua estrutura as cerimônias religiosas (litúrgicas) e seculares (ambiente festivo da vivência comunitária).

A Festa dedicada ao Divino Espírito Santo é a maior emanção deste culto popular no lugar pesquisado, sendo uma experiência que chama a atenção da população muito mais ampla do que somente os descendentes dos açorianos. Na base das minhas observações participantes e depoimentos coletados durante a pesquisa do campo, posso constatar que as transformações, hibridismos e modificações decorrentes da dinâmica cultural, na maioria dos casos não introduziram alterações substanciais nos rituais, deixando as práticas coletivas religiosas de se comemorar o Divino Espírito Santo remetendo ainda à antiga tradição açoriana. No conjunto das manifestações culturais mais representativas da região, a Festa do Divino continua sendo um traço forte da religiosidade católica popular, plenamente interiorizada por descendentes de outras etnias históricas, moradores dos locais visitados. Embora apresentem várias diferenças entre si, as Festas do Divino Espírito Santo da região continuam iguais no seu aspeto essencial (culto ao Divino), na sua emblemática e na sua finalidade.

No entanto, apesar de todas as festas do Divino possuírem elementos em comum, em alguns lugares aparecem pequenas alterações, que, no entanto, não afetam a cerne das práticas rituais da Festa, impactando muito mais a parte sacro-profana e profana, por exemplo: as composições da corte real, os foliões, peditórios da bandeira, uso dos edifícios de império, a organização dos almoços comunitários, o cardápio da Festa, etc. A programação da Festa depende ainda bastante dos

festeiros que assumem o papel dos organizadores, mas ela é cada vez mais regida colegialmente pelos conselhos paroquiais, irmandades, e, às vezes, decisões do padre local ou dos patrocinadores oficiais dos festejos (seja por parte das autoridades estaduais ou municipais, seja por parte dos patrocinadores – comerciantes). Assim, a condição econômica dos festeiros já não importa tanto como outros apoios externos recebidos para os fins da organização da Festa.

A Festa do Divino Espírito Santo na região de Florianópolis continua sendo realizada a cada ano como antes, vivida de forma intensa e com um grande envolvimento por parte das comunidades locais, apesar de que historicamente não necessariamente e nem sempre na perfeita colaboração com a Igreja institucional. No entanto, atualmente a diocese de Florianópolis promove as Festas do Divino sob seus auspícios formais e seu patronato oficial, abrindo e fechando o ciclo do Divino na Catedral Metropolitana e divulgando, junto com as autoridades municipais, o calendário das Festas planejadas para o ano em todas as suas comunidades. Alimenta-se, desta maneira colaborativa, um maior reavivamento da experiência do culto ao Espírito Santo no ambiente católico local e das práticas e crenças ligadas à organização da Festa, antigamente às vezes afastadas do discurso oficial e institucional eclesialístico. Esta política da ‘Pax Romana’ nos rituais do culto ao Divino Espírito Santo comporta cada vez menos tensão, bem como comportamentos ou relações conflitivas, e já não impacta negativamente na perpetuação e preservação da Festa na região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Arendt, H. (2007). *A condição humana* (10 ed.). Forense Universitária.
- Bourdieu, P. (1994). *Raisons pratiques: Sur la théorie de l'action*. Seuil.
- Certeau, M. (1994). *A invenção do cotidiano: Artes de fazer*. Vozes.
- Durkheim, E. (1954). *The elementary forms of the religious life*. The Free Press.
- Fabian, J. (2006). A prática etnográfica como compartilhamento do tempo e como objetivação, *Mana*, 12(2), 503–520. <https://doi.org/10.1590/S0104-93132006000200010>
- Hobsbawn, E., & Ranger, T. (1984). *A invenção das tradições*. Paz e Terra.
- Hoornaert, E. (1991). *O cristianismo moreno do Brasil*. Vozes.
- Mariano, P. F., & Siuda-Ambroziak, R. (2020). Açorianidade e brasilidade nas Festas do Divino: O caso de Viana (ES). *Revista del CESLA. International Latin American Studies Review*, (26), 83–110. <https://doi.org/10.36551/2081-1160.2020.26.83-110>

- Mariano, P. F., & Siuda-Ambroziak, R. (2021a). Trajetórias e transformações transatlânticas da Festa do Divino Espírito Santo nas Américas. *Revista Brasileira de História das Religiões*, 14(41), 71–97. <https://doi.org/10.4025/rbhranpuh.v14i41.60504>
- Mariano, P. F., & Siuda-Ambroziak, R. (2021b). Contemporary tin the Brazilian popular catholic festivals: The case of the Holy Divine Spirit Festival (Festa do Divino). *International Journal of Latin American Religions*, (5), 224–245. <https://doi.org/10.1007/s41603-021-00150-6>
- Menezes, R. de C. (2004). Saber pedir: A etiqueta do pedido aos santos. *Religião e Sociedade*, 24(1), 46–64.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento) Brasil. (2013). *IDHM Municípios 2010*. <https://www.undp.org/pt/brazil/idhm-munic%C3%ADpios-2010>
- Sanchis, P. (2007). Desponta novo ator no campo religioso brasileiro? O Padre Cícero Romão Batista”. *Religião e Sociedade*, 27(2), 11–29. <https://doi.org/10.1590/S0100-85872007000200002>
- Siuda-Ambroziak, R. (2013). Las raíces coloniales de la religiosidad brasileña. *Erebea. Revista de Humanidades y Ciencias Sociales* (3), 387–406. <https://doi.org/10.33776/erebea.v0i3.2312>
- Siuda-Ambroziak, R. (2022). Os fatores determinantes da preservação da tradicional Festa do Divino na comunidade do Campeche (Florianópolis/ SC). *MÉTIS – história & cultura*, 21(41), 50–72. <https://doi.org/10.18226/22362762.v21.n41.03>
- Steil, C. A. (2001). Catolicismo e cultura. In V. V. Valla (org.), *Religião e cultura popular*. DP&A.
- Várzea, V. (1984). *Santa Catarina: A ilha*. IOESC.
- Zuluar, A. (1983). *Os homens de Deus: Um estudo dos santos e das festas no catolicismo popular*. Zahar.